

A vida como dado radical do universo em superação do idealismo em José Ortega y Gasset

Eduardo Bortoncello¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar a vida como dado radical do universo em superação da razão idealista e suas consequências no agir moral do homem. Isso será feito com base nas obras de José Ortega y Gasset, especialmente *Meditações do Quixote*, *O que é filosofia?* e *Rebelião das Massas*. A análise busca ir às origens da corrente de pensamento idealista que, segundo Ortega y Gasset, estão no filósofo francês René Descartes com sua visão epistemológica apresentada em *Discurso sobre o método* e *Meditações metafísicas*. A partir da análise desses escritos cartesianos e orteguianos, busca-se apresentar a concepção da vida como realidade epistemológica, primeira frente ao idealismo de origem cartesiana que se desenvolveu na modernidade. Para que tal proposta seja possível, tem papel fundamental o entendimento de sua concepção trágica da vida. Esta pesquisa mostrará como a compreensão do drama da existência humana tem por consequência o agir de maneira que realize aquilo que Ortega entende por projeto vital, ou seja, a realização plena da vida de cada indivíduo.

Palavras-chave: Vida, Idealismo, Ortega y Gasset, Descartes.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A vida é um grande problema em sua própria natureza e constituição, um problema do qual todos os demais derivam, todos os demais dependem, e é a causa de todos os outros problemas. Isso é o que se pode concluir ao final de décima aula do curso *O que é filosofia?* De José Ortega y Gasset, entretanto deve-se perguntar: como ele chega a essa conclusão? O que ele quer dizer com isso? O que Ortega entende por vida?

Para compreender a concepção orteguiana de vida se fez necessário a leitura atenta da obra *Meditações do Quixote* na qual, na qual o tema da vida como realidade fundamental é apresentado pela primeira vez. Esse conceito entretanto só é aprofundado em suas obras posteriores como o já citado curso, posteriormente transformado em livro, *O que é filosofia?*, e os livros, *Rebelião das massas* e *Lições de metafísica*. Outros estudiosos que se aprofundaram na interpretação das obras de Ortega como Julián Marias e José Maurício de Carvalho também serão úteis a essa investigação. É importante ressaltar também que o desenvolvimento desse tema é a principal contribuição de Ortega y Gasset para a história da filosofia, sendo uma constante em suas obras.

A abordagem desse estudo é apresentar a vida como o dado radical do universo, termo esse empregado por Ortega y Gasset na obra citada anteriormente, ou como apresenta José Maurício de Carvalho como realidade metafísica (2015, p.167). Entretanto o termo metafísica não será utilizado nesse estudo pois como o mesmo autor explica em seu estudo

1 Acadêmico de filosofia pelo Centro Universitário Claretiano, e-mail: ebortoncello0@gmail.com.

sobre o tema “O mundo moderno concebeu uma outra visão de Metafísica, entendida como Gnoseologia” (2016, p.167). E o filósofo abordado nesse estudo segue nessa esteira apresentando problemas que podem ser considerados sobre o caráter da epistemologia, e é a partir da teoria do conhecimento que sua obra e seus conceitos filosóficos serão analisados.

1. O PROBLEMA CARTESIANO

Para compreender o problema da vida, se faz necessário compreender antes o que o filósofo entende por *dado radical do universo* ou seja, aquilo que no campo da epistemologia indubitavelmente existe, coisas que não precisamos provar pois elas provam a si mesmas sua existência. Nas palavras de Ortega y Gasset “[...] coisas cuja existência é indubitável, que rechaçam toda dúvida possível, que aniquilam e a fazem perder sentido, essas coisas à prova de bomba crítica são os dados do Universo” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p.140). Essa busca pela verdade indubitável e clarividente permeia a história da filosofia desde sempre e ganha destaque em sua abordagem feita por René Descartes em seu *Discurso sobre o método* e em suas *Meditações metafísicas*, obras nas quais demonstra sua profunda frustração e incerteza com os conhecimentos que ele até então tinha como certos: “Já há algum tempo que me dei conta de que desde meus primeiros anos aceitara por verdadeiras muitas falsas opiniões, e de que aquilo que desde então fundei com base em princípios tão mal assegurados somente podia ser muito duvidoso e incerto” (DESCARTES, 2016, p.31).

O problema apresentado pelo francês em questão é a fundamentação de suas opiniões que até então, segundo ele, pensava ter obtido através dos sentidos, porém estes algumas vezes o haviam enganado e “a ruína das fundações arrasta consigo todo o resto do edifício” (2016, p.32). É então que Descartes começa o seu empenho por buscar uma crença fundante, ou um princípio para a filosofia, pois nessa segundo ele “[...] não se encontra ainda alguma coisa a qual não se dispute, e, por conseguinte, que não seja duvidosa [...]” (DESCARTES, 2018, p.14). Isso por consequência desencadeia os seguintes questionamentos: o que fundamentam as certezas do homem? Quais são as crenças básicas a partir das quais as estruturas do conhecimento humano devem ser estruturadas para que tenham uma fundamentação realmente sólida?

Essas questões são de caráter fundacionalista, ou seja, buscam as crenças básicas, os alicerces sobre os quais a superestrutura do conhecimento possa se apoiar (DANCY, 1990, p.73). E é exatamente isso que Ortega denominará *dados do Universo* (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 140), Descartes chegará a conclusão que este dado, ou seja, aquilo que indubitavelmente há, é o ato de duvidar, e logo em seguida fará a inferência que ficou famosa por sua clarividência: *penso, logo, existo* (DESCARTES, 2018, p.36), ou seja, se há a dúvida necessariamente há o eu que duvida, esse é o sentido da máxima cartesiana que afirma a existência indubitável do eu, para desta inferir todas as outras. Assim, percebe-se que a dúvida cartesiana é expressão de um anseio por encontrar uma certeza, um método para se chegar a algo que seja seguro e possa fundamentar a filosofia, as demais ciências e todo o conhecimento do homem.

Ortega y Gasset ao retomar o caminho da dúvida das meditações cartesianas chega assim como o pai da filosofia moderna à conclusão da existência indubitável do pensamento e dirá que

A classe de segurança com que podemos afirmar que no Universo existe o pensamento ou *cogitatio* é de uma qualidade incomparável a toda outra afirmação sobre existências, o que, uma vez descoberto, obriga a fundar nisso todo o nosso conhecimento do Universo (2016, p. 154).

E é desta maneira que o filósofo espanhol entende ser formada toda a filosofia moderna, ou seja, a partir da mente humana como suporte de toda a realidade. Ele apontará que em consequência disso foi gerando o sistema de pensamento idealista², que chegará ao seu ápice em Kant, Hegel e Schopenhauer com os quais segundo Ortega y Gasset “o mundo é visto do avesso em uma magnífica doutrina antinatural que não pode ser entendida sem iniciação prévia” (2016, p. 157) e além disso “chegou ao ponto de tapar as fontes das energias vitais, de afogar totalmente os recursos do viver” (2016, p.184). Isso acontece, segundo a visão de Ortega, porque se colocando como realidade primeira ele torna-se só, pois nada mais possui esta forma de existência reflexiva e auto evidente da qual possui o eu cartesiano. Apesar disso Ortega não é avesso a Descartes, pelo contrário, reconhece sua genialidade e afirmará que ele é “o homem a quem a Europa mais deve” (2016, p.69).

Entretanto o espanhol irá se propor a ir além do idealismo, supera-lo através do conceito de razão vital. Pois para ele “Três séculos de experiência ‘racionalista’ nos obrigam a reconsiderar o esplendor e os limites daquela prodigiosa *raison* cartesiana” (2016, p.69). O pensamento racionalista-matemático demonstra sua incapacidade para tratar dos assuntos humanos, das questões vitais. Ao invés do eu cartesiano entenderá que o dado radical do universo, ou seja, a realidade primeira, a crença fundante, a certeza primária é a vida (CARVALHO, 2015, p.170).

1.2 O IDEALISMO

Para que seja possível entender a crítica de Ortega ao idealismo e sua missão em superá-lo – não refutá-lo – é de suma importância destacar o sentido que o filósofo emprega o termo. Deve-se considerar que ele parte daquilo que Abbagnano denomina em seu *Dicionário*

2 Os estudiosos de história da filosofia com frequência estabelecem o Idealismo como uma escola filosófica fundada por Immanuel Kant, como está apresentado na obra de Battista Mondin *Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras* (1981, p.235), entretanto aqui o termo será usado em seu mais amplo sentido, da mesma forma que foi abordado por Francisco Samaranch Kirner em *Sentido y alcance del anti-idealismo de Ortega y Gasset* (1984). Suas várias definições e ramificações também estão apresentadas no *Dicionário de Filosofia* de Abbagnano (2007, p.523-524). Uma simplificação seria considerar o que Ortega y Gasset chama de idealismo como puro racionalismo, entretanto o filósofo abrange todo o problema epistemológico inaugurado por Descartes e desenvolvido pelos filósofos posteriores que aceitaram o eu, ou a mente humana como realidade primeira e subordinadora das demais realidades.

de filosofia como Idealismo problemático de Descartes (2007, p.523). Nas palavras de Gasset a partir do *cogitatio est*

[...] a mente se torna o centro e suporte de toda realidade. Minha mente dota o que ela pensa de uma realidade indestrutível, se tomado pelo o que é primordialmente – se tomado por ideia minha. Esse princípio leva a almejar um sistema de explicação de tudo quanto há, interpretando tudo o que aparentemente não é pensamento, não é ideia, como consistindo não mais que em ser pensado, que em ser ideia. Esse sistema é o idealismo, e a filosofia moderna desde Descartes é em sua raiz, idealista (ORTEGA Y GASSET, 2016, p.155).

Tendo em vista isso podemos entender também como Kant é classificado como um dos grandes expoentes do idealismo especialmente quando propõe sua Revolução Copernicana na qual “A noção de conhecimento, anteriormente pautada na adequação do sujeito a coisa, é invertida, de modo que o conhecimento necessário é derivação da adequação da coisa (sensação) à estrutura formal do sujeito cognoscente (REIS, 2020, p.30). Em consequência disso Kant estabelece a divisão de mundo numênico e mundo fenomênico, e também “Schopenhauer acreditava expressar a essência do kantismo ao iniciar sua obra *O mundo como vontade e representação* (1819) com a tese: ‘O mundo é a minha representação’” (ABBAGNANO, 2007, p.523).

Segundo Abbagnano a tese de o mundo como representação da realidade, consequência direta do kantismo, foi compartilhada na filosofia moderna e contemporânea e, portanto, são idealistas nesse sentido vários “pensadores que, mesmo se opondo ao Idealismo romântico, têm em comum com ele o pressuposto gnosiológico fundamental: a redução do objeto de conhecimento a representação ou ideia” (2007, p.523-24). E isso possui a sua origem em Descartes onde mesmo Deus é uma ideia – ideia verdadeira, mas mesmo assim apenas ideia – do sujeito que pensa (DESCARTES, 2016, p.75). Os filósofos posteriores a Descartes tentam resolver o problema gnosiológico apresentado pelo francês mas continuam a dar voltas sem fim e se afundar mais ainda girada idealista. Analisando isso José Ortega y Gasset dirá que

Já em Descartes o eu ascende ao patamar de primeira verdade teórica e, ao fazer-se *mônada* em Leibniz, ao fechar-se em si e segregar-se do Cosmos grande, faz-se um mundinho íntimo, um microcosmos, e passa a ser, segundo o próprio Leibniz, um “*petit Dieu*”, um *microteos*. E como o idealismo culmina em Fichte, nele o eu também toca o zênite de seu destino – e o eu se torna, pura e simplesmente o Universo todo (2016, p.183).

A partir disso Edson Ferreira da Costa explica que “Para Ortega, o problema da modernidade a partir de Descartes foi construir uma teoria da racionalidade separada da vida” (COSTA, 2019, p.134). Ou seja, criaram sistemas teóricos complexos, mas totalmente desligados da realidade cotidiana e vital do homem, o mundo real não tem mais existência

verdadeira e ligação com o eu, é só produto do eu, e se existe independentemente do eu não pode ser conhecido. Ao perceber que o problema epistemológico do idealismo começa em Descartes³ a atitude de Ortega é retomar o caminho da dúvida cartesiana e buscar por si próprio uma certeza epistemológica que não sofra o mesmo problema do eu. Pois além do ensimesmamento é importante destacar que para o Ortega y Gasset o erro de todo o idealismo é conceber a realidade “como algo que tem em sua essência... a mesma condição ontológica que o conceito: [...] a identidade, a invariabilidade radical, a estabilidade, a profunda quietude que, para o grego, significa o vocábulo ser” (ORTEGA Y GASSET, apud, KIRNER, 1984, p.33, tradução nossa)⁴. Esse erro, segundo o espanhol, remonta os gregos que já tinham a concepção de que o ser, as coisas, devem ser estáticas, imutáveis, assim como é o conceito.

2. A VIDA COMO DADO RADICAL E O SEU PROBLEMA

Apesar do que foi explanado até aqui, é importante ressaltar que a posição de José Ortega y Gasset frente ao idealismo não é sua antítese, o realismo, este também é problemático para ele. Para o espanhol a realidade epistemológica primeira e fundamental, não é o eu separado do mundo e nem o mundo sem o eu, mas a união indissolúvel dos dois: “O dado radical do Universo não é simplesmente: ‘o pensamento existe’ ou ‘eu pensante, existo’ – e sim, se existe o pensamento, existem, *ipso facto*, eu que penso e o mundo em que penso; e um existe com o outro sem separação possível” (2016, p.202). O mundo e o eu não podem ser concebidos como realidades separadas em Ortega, um é sempre em relação ao outro. Essa relação constante do eu que vê o mundo e o mundo que é visto pelo eu é o que ele entende por vida. Kirner em seu artigo *Sentido y alcance del anti-idealismo de Ortega y Gasset* explica que “se escavarmos – digo – no subsolo de nossas raízes, a primeira coisa que encontraremos é o fato de nossa vida, cada um a sua.” esse é o dado mais radical pois “A partir dele podemos pensar no passado em que não éramos, no presente que estamos sendo ou no futuro que talvez seremos”⁵ (1984, p.35, tradução nossa).

O tema da vida como realidade fundamental tinha sido apresentado pela primeira vez pelo filósofo na introdução das *Meditações do Quixote* e está resumido em sua famosa frase “Eu sou eu e a minha circunstância e se não a salvo não me salvo eu” (2019, p.32). A vida é justamente a relação constante do sujeito com a circunstância, com aquilo que o rodeia e o

3 Kirner (1984) afirma que esse problema idealista já é visto por Ortega na Grécia antiga em alguns filósofos como Parmênides, entretando nesse artigo iremos partir da abordagem que o filósofo inicia em *Que é filosofia?* obra na qual coloca a centralidade do problema na filosofia cartesiana e pós-cartesiana.

4 Original “como algo que tiene en su entrafta ... la misma condición ontológica que el concepto: ... la identidad, la invariabilidad radical, la estabilidad, la profunda quietud que, para el griego, significa el vocablo ser” (KIRNER, 1984, p.33).

5 No original español, trecho completo: Porque si, libres de prejuicios, o de creencias de esas en que de algún modo estamos pero que íntima y personalmente no somos, si hurgamos -digo- en el subsuelo de nuestras raíces, lo primero que habremos de encontrar es el hecho de *nuestra vida*, cada uno la *suya*. Ese es el hecho, el dato más radical que podemos llegar a poseer. Para nosotros, Sujetos pensantes, no puede haber otro origen estrictamente propio. Desde él podremos pensar el pasado en que no éramos, el presente que estamos siendo o el futuro que tal vez seremos. Pero, sin él, nuestra consciencia es utopía (KIRNER, 1984, p.35).

cerca, é o eu que se encontra no mundo e tem que fazer algo em relação a isso. Esse tema é melhor desenvolvido e aprofundado sistematicamente em *Que é filosofia?* no qual deixa claro que “Viver é o modo de ser radical: qualquer outra coisa e modo de ser, eu os encontro em minha vida, dentro dela, como detalhe dela e referido a ela. Todo o resto é nela, e é o que for para ela, o que for enquanto vivido” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p.205). A partir disso fica clara a primazia da vida enquanto certeza epistemológica, pois, antes de o homem saber da própria existência, da existência do mundo ou do pensamento ele já vive, ele sabe o que sabe porque vive e tudo o que é possui seu ser em relação com o sujeito vivente.

Entretanto, admitindo a vida como dado radical do universo ela é o primeiro problema sobre o qual a filosofia deve se debruçar, pois ela é naturalmente problemática. José Maurício de Carvalho ao dissertar sobre a obra de Ortega explica que para o filósofo a subjetividade não se afasta do entorno e que “Viver é condição fundamental e consiste em coexistir com o entorno. O ser estático das filosofias antigas será substituído por um ser atuante aberto a mudanças” (2015, p. 175). *Nas Meditações do quixote* ele já deixara claro que “Todo labor de cultura é uma interpretação – esclarecimento, explicação ou exegese – da vida. A vida é o texto eterno, a sarça ardente à margem do caminho onde Deus faz-se ouvir” (2019, p.90).

A natureza da vida como problemática também é explícita no seguinte trecho

Uma metáfora esclarecedora seria a de alguém que, dormindo, fosse levado para os bastidores de um teatro e, ali, com um empurrão que o desperta, fosse lançado para a ribalta, diante do público. Ao encontrar-se ali, o que é que esse personagem encontra? Pois se encontra metido numa situação difícil sem saber como nem por que, numa peripécia: a situação difícil consiste em resolver de algum modo aquela exposição diante do público, que ele não buscou, nem preparou, nem previu (ORTEGA Y GASSET, 2016, p.224).

Para lidar com essa peripécia é necessário ter em vista um projeto vital, ou em outras palavras, clareza sobre aquilo que cada homem deve fazer, sua “missão” como dito anteriormente. Explica José Maurício de Carvalho que essencialmente “[...]viver é realizar um programa, um destino, desenvolver um projeto vital num mundo que se encontra aí” (2015, p.171). Esse é o principal desdobramento do dado radical da vida, ela é uma realidade que se impõe ao homem e consiste justamente naquilo que ele faz dela. E essa tarefa exposta em *Ideas sobre Pio Baroja* é “[...] querer ser, antes de tudo, a verdade do que somos” (ORTEGA Y GASSET, apud, CARVALHO, 2015, p.171).

Ortega y Gasset trabalhará o tema da circunstância, como algo que muitas vezes impede o homem de realizar o projeto vital, entretanto é importante ressaltar que cada circunstância é singularíssima, assim como a vida e o projeto vital, estes dizem respeito a cada indivíduo e devem ser analisados e pensados por cada um (2015, p.172). A partir disso é que será possível a decisão, elemento essencial da vida humana pois “Se não nos é dado escolher o mundo

no qual nossa vida vai deslizar – e esta é sua dimensão de fatalidade – nos encontramos com certa margem de possibilidades – e esta é sua dimensão de liberdade [...]” (2016, p.225).

Uma das realidades exploradas pelo filósofo que ameaçavam a realização de um autêntico projeto vital no seu tempo era o advento da cultura de massas. Esse é um dos principais temas tratados no livro *A rebelião das massas* no qual o filósofo expõe de maneira mais direta os desdobramentos de sua filosofia nos campos social e político. Julián Marías (1975) um dos principais discípulos de Ortega explica que “A rebelião das massas consiste na obliteração das almas médias; esse é o homem massa, que não é tonto, mas, ao contrário, tem ‘ideias’ taxativas sobre tudo, só que perdeu o sentido da audição”. Ou seja, é justamente o homem que não consegue ver a realidade da própria vida, o seu eu e a sua circunstância que estão em relação e por isso vive alienado em ideias que não tem substancialidade vital.

Na esteira disso Ortega demonstra sua profunda preocupação em como será possível construir um autêntico projeto vital nessa sociedade: “pode hoje um homem de vinte anos fazer um projeto de vida de natureza individual que, portanto, tem que ser realizado mediante suas iniciativas independentes, seus esforços particulares?” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 64).

2.1 A SUPERAÇÃO DO IDEALISMO

É possível perceber o ímpeto de Ortega ao apresentar que esse problema filosófico fora abordado na arte ao meditar sobre a grande obra de Cervantes. Dom quixote é justamente um personagem tomado pela idealidade, pela fantasia, não compreende e não aceita o real enquanto real, mas aceita como real as suas interpretações, a realidade dos moinhos de vento não é o que eles são em sua materialidade, mas aquilo que ele interpreta em conformidade com sua vontade de aventura, ou seja, gigantes, mas justamente a aventura segundo Ortega “[...] quebra como um cristal a opressora e insistente realidade” (2019, p.128). Esse ímpeto por lançar claridade sobre a trevas do problema vital segundo Ortega não fora feito pela filosofia desde então pois a razão filosófica desde Descartes afastou a filosofia da realidade da vida do homem, explica Edson Ferreira da Costa

Os grandes temas da história e da vida que irromperam no cenário filosófico com as obras de Nietzsche, Bérqson e Dilthey convenceram Ortega da insuficiência do racionalismo para responder às questões do homem e da história, pois compreendeu ser insustentável pensar à vida a partir de uma razão pura prática. O esforço orteguiano foi superar esse modelo de racionalidade via razão vital. Ortega não só pretende fazer compreensível a história e a realidade humana, mas prioritariamente destacar o papel da razão na compreensão da vida, enaltecendo-a na sua função iluminadora do viver (COSTA, 2019, p.140).

Desta maneira destaca-se que a principal característica da epistemologia orteguiana que é tratar os problemas filosóficos a partir da existência individual. E é essa característica que diferencia Ortega “de outras formas de pensamento chamadas ‘vitalistas’” segundo Kirner “todos esses modos de pensamento partem, em última análise, de um conceito, de modo que, mesmo que seja o ‘conceito vida’, não saímos do cerco idealista” (KIRNER, 1984, p.35, tradução nossa)⁶. Assim a vida deve ser encarada como a primeira realidade ao qual o filósofo deve lidar, o primeiro problema: “Ao fim e ao cabo, a vida apresenta-se como um problema, solúvel, ou pelo menos, não insolúvel” (ORTEGA Y GASSET, 2019, p.92).

Nas meditações dirá que o homem é envolto de uma missão de claridade sobre a terra, e que a claridade, ou o esclarecimento, o conhecimento das coisas é a plenitude da vida (2019, p.91). O papel do conceito aparece como um meio de interpretação das impressões que os sentidos nos dão, não é a fonte de todo o conhecimento, mas é o seu esquema e “em um esquema possuímos só os limites da coisa, a caixa quadrada onde a matéria, a substância real da coisa fica inscrita” (2019, p.83). Desta maneira o conceito não pode substituir a vida e nem ser sua fonte e sim apenas um dos meios para dar esclarecimento ao sujeito vivente, e aí que se dá a superação do idealismo, em um melhor entendimento do papel do conceito, da ideia, dentro do grande problema que é a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da análise, percebe-se que José Ortega y Gasset oferece uma crítica robusta ao idealismo moderno, propondo uma superação através do conceito de “razão vital”. A partir disso argumenta que a vida, em sua complexidade e dinâmica, é o dado radical do universo, pois é a partir dela que se desenvolvem todas as outras realidades. Sua abordagem contrapõe-se à tradição cartesiana e ao idealismo, que, segundo ele, desconsideram a vitalidade e a relação intrínseca entre o eu e o mundo. Embora reconheça a importância de Descartes e sua contribuição para a filosofia, a primazia do pensamento idealista levou a uma desconexão entre o eu que pensa e o mundo que é pensado.

Em vez de conceber a realidade como algo estático e isolado, Ortega propõe uma perspectiva onde o eu e a circunstância são indissociáveis e dinâmicos, enfatizando a vida como um problema fundamental e contínuo, que deve ser enfrentado e esclarecido. Portanto, a razão vital de Ortega y Gasset é uma tentativa de reintegrar a filosofia à realidade da vida humana, valorizando a subjetividade e a individualidade sem cair no relativismo absoluto. A vida deve ser tomada primariamente como biografia e não biologia (2016, p.152). Esta, sendo a realidade primeira, exige que cada indivíduo desenvolva um projeto vital autêntico, capaz de responder às suas circunstâncias singulares. Entretanto em sua época a realização desse projeto via-se ameaçada pelo “advento das massas ao pleno poderio social” (2016, p.77). A

6 Original em espanhol: Porque lo que diferencia profundamente a Ortega, no sólo del pensar idealista tan reiteradamente denostado, sino de otras formas de pensamiento llamadas “vitalistas”, está en que todos estos modos de pensamiento parten, en definitiva, de un *concepto*, de modo que, aunque éste sea el “concepto vida”, no salimos del cerco idealista (KIRNER, 1984, p.35).

mentalidade da massa vigente que ignorava a necessidade de o homem desenvolver-se a si mesmo para não cair na mediocridade.

Essa cultura de massas é a circunstância que ameaçava um autêntico projeto vital na época de Ortega y Gasset e como salienta José Maurício de Carvalho “vida é drama, é estar num mundo em que não se escolheu viver e do qual não há como escapar. É nele que se vive o projeto vital” (2015, p.179). O herói é aquele que não se conforma com seu circunstante e sim busca constantemente vencê-lo. A vitória sobre a circunstância é motivada pela vontade de viver, o impulso vital. A realidade, o circunstante, se impõe ao homem e se este não alimenta seu impulso vital, sua interioridade heroica, ela o aniquila e o condena à mediocridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, José Maurício de. Ortega y Gasset, a vida como realidade metafísica. *Trans/Form/Ação, Marília*. v. 38, n. 1, p. 167-186, Jan./Abr., 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732015000100010>. Acesso em: 22/05/2023.
- COSTA, Edson Ferreira da. A contribuição do pensamento de José Ortega y Gasset sobre o tema da vida na filosofia contemporânea. *Argumentos*, n. 22, p.131-142, Fortaleza, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/41030>. Acesso em: 25/04/2024.
- DANCY, Jonathan. Capítulo 4: O Fundacionalismo. In: DANCY, J. *Epistemologia Contemporânea*. Lisboa: Edições 70,1990. p. 73-88.
- DESCARTES, René. *Discurso sobre o método*. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Edipro, 2016.
- KIRNER, Francisco Samaranch. *Sentido y alcance del anti-idealismo del Ortega y Gasset*. Aldaba, 1984. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20190427152624/http://revistas.uned.es/index.php/ALDABA/article/download/19516/16350>. Acesso em: 29/05/2024.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Meditações do Quixote*. Campinas: Vide editorial, 2019.
- ORTEGA Y GASSET, José. *O que é filosofia?* Campinas: Vide editorial, 2016.
- ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. 5 ed. Campinas: Vide editorial, 2016.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia: do humanismo a Descartes*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- REIS, Álvaro Luis Ribeiro. Do fenômeno ao númeno: como é possível a comunicação entre os mundos? In: *Arte política e direito*. 1 ed. Belo Horizonte: Initia Via, 2020.